



DOI 10.20396/conex.v16i3.8652214

Relato de Experiência

Slackline no CIEJA: não é para melhorar o equilíbrio, é porque é...

Jacqueline Cristina Jesus Martins¹
Marcos Garcia Neira¹

RESUMO

Contrariando a visão hegemônica que concebe a Educação Física na Educação de Jovens e Adultos como experiência formativa irrelevante ou destinada simplesmente a exercitar e relaxar os corpos com vistas a compensar os esforços laborais da população trabalhadora, relatamos uma experiência pedagógica realizada num Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos em que se tematizou o slackline a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da perspectiva cultural do componente. Na avaliação dos estudantes, muitos deles com deficiências, o trabalho proporcionou o acesso a uma prática corporal até então desconhecida e a oportunidade de arriscar-se e vencer desafios corporais.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Educação Física. Currículo cultural.

¹ Universidade de São Paulo
Recebido em: 11 abr. 2018
Aprovado em: 24 ago. 2018
Contato: mgneira@usp.br

Slackline in CIEJA: it's not to improve the balance, it's because it's ...

ABSTRACT

Contrary to the hegemonic vision that conceives Physical Education in Youth and Adult Education as an irrelevant formative experience or simply to exercise and relax the bodies in order to compensate the labor efforts of the working population, we report a pedagogical experience realized in an Integrated Education Center of Youth and Adults in which the slackline was thematized from the theoretical-methodological assumptions of the cultural perspective of the component. In the assessment of students, many of them with disabilities, the work provided access to a previously unknown body practice and the opportunity to risk and overcome bodily challenges.

Keywords: Youth and Adult Education. Physical Education. Cultural curriculum.

Slackline en el CIEJA: no es para mejorar el equilibrio, es porque es...

RESUMEN

Contrariando la visión hegemónica que concibe la Educación Física en la Educación de Jóvenes y Adultos como experiencia formativa irrelevante o destinada simplemente a ejercitar y relajar los cuerpos con vistas a compensar los esfuerzos laborales de la población trabajadora, relatamos una experiencia pedagógica realizada en un Centro Integrado de Educación de Jóvenes y Adultos en que se tematizó el slackline a partir de los presupuestos teórico-metodológicos de la perspectiva cultural del componente. En la evaluación de los estudiantes, muchos de ellos con deficiencias, el trabajo proporcionó el acceso a una práctica corporal hasta entonces desconocida y la oportunidad de arriesgarse y vencer desafíos corporales.

Palabras Clave: Educación de Jóvenes y Adultos. Educación Física. Currículo cultural.

INTRODUÇÃO

A experiência aqui narrada ocorreu entre os meses de fevereiro e abril de 2017, nas turmas de módulos 1 (etapa de alfabetização), módulos 2 (etapa básica) e módulos 3 (etapa complementar) da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de um Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA), unidade educacional administrada pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, e que contempla apenas a modalidade EJA nos períodos matutino, vespertino e noturno.

O CIEJA Aluna Jessica Nunes Herculano² se localiza na região do Butantã, zona oeste da capital paulista, às margens da Rodovia Raposo Tavares e possui algumas particularidades como a ausência de espaço físico no interior da escola para a realização das aulas de Educação Física, um grande número de estudantes com deficiência e as turmas frequentam as aulas do componente uma vez por semana. Durante o período de realização do trabalho, as graduandas³ do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), que participavam do subprojeto *O trabalho colaborativo para a construção de práticas corporais inclusivas em escolas de educação infantil e ensino fundamental I* do PIBID⁴, envolveram-se em todas as atividades, o que foi de grande importância, pois acompanharam os momentos de reflexão sobre as aulas, planejamento, organização dos registros e das formas de avaliação, isso possibilitou a coletivização do processo, algo relevante para que as ações didáticas fossem pensadas e realizadas.

Dentre os jovens, adultos e idosos que compunham as turmas, havia 30 estudantes com deficiência: 17 com deficiência intelectual, 6 com Síndrome de Down, 4 com deficiências múltiplas – associando deficiência intelectual e física, 2 usuários de cadeira de rodas, 1 estudante surda, 1 com Síndrome de Pader-Willi e 1 com transtorno do espectro autista. A menção à presença desses estudantes é importante para que possamos mostrar que é possível a sua participação nas aulas, necessitando em alguns momentos de adaptação ou de algum apoio, o que nos remete ao conceito de flexibilização.

O trabalho pedagógico pautou-se na perspectiva cultural da Educação Física, uma proposta de ensino do componente que, ao buscar inspiração nas teorias pós-críticas⁵ adquire, como se verá, características bem específicas no tocante aos princípios ético-políticos que orientam a definição do tema e organização das atividades de ensino, os procedimentos didáticos e os conhecimentos abordados nas aulas. Conforme defende Neira (2018), trata-se de uma vertente a favor das diferenças e comprometida com a formação de sujeitos solidários. Considerando o perfil do público que frequenta o CIEJA e nosso próprio engajamento na construção de uma sociedade menos desigual, queremos crer que essa luta passa também pelas aulas de Educação Física. Justamente por isso combatemos a hegemonia da Educação Física

² Jessica Nunes Herculano era uma jovem com Síndrome de Willians, que foi aluna do CIEJA Butantã (nome antigo do Centro). Em 2010, aos 19 anos, Jessica faleceu com complicações após um transplante cardíaco. Posteriormente ao seu falecimento, e reconhecendo a importância daquela escola na vida de Jessica, a sua mãe solicitou que a escola recebesse o nome de sua ex-aluna. A partir dos tramites legais, a partir de 12/05/2011 o CIEJA passou a ter o nome de Jessica.

³ Caso o artigo seja aprovado para publicação, colocaremos os nomes das bolsistas aqui.

⁴ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - Programa do Governo Federal, coordenado pela CAPES que tem como principais objetivos: o incentivo à formação inicial de professores; a valorização do magistério; a melhoria da qualidade da educação básica; promover o diálogo entre a Educação Superior com a Educação Básica do sistema público; ascender à qualidade das ações acadêmicas direcionadas à formação inicial de professores nos cursos de licenciaturas das IFES (Instituições Federais de Educação Superior).

⁵ Estudos culturais, multiculturalismo crítico, pós-estruturalismo, pós-colonialismo e filosofias da diferença.

presente na EJA que, segundo Martins (2018), reduz as atividades do componente à execução de exercícios físicos para a melhora da aptidão física dos jovens e adultos.

DESENVOLVIMENTO

Após a apresentação da escola e dos atores que construíram o trabalho, passemos a narrar a experiência realizada, cujo primeiro ponto é a forma de seleção da prática corporal tematizada. Antes de mais nada, é preciso deixar claro que não foi uma escolha arbitrária ou pré-determinada, mas uma seleção feita a partir das observações durante as ações didáticas realizadas com os estudantes, trata-se do mapeamento do universo cultural corporal da comunidade (NEIRA, 2016) Também é importante dizer que o conceito de tematização aqui adotado decorre do trabalho de Santos (2016), para quem tematizar consiste em realizar diversas atividades de ensino de modo a propiciar aos estudantes uma compreensão mais elaborada dos inúmeros aspectos que caracterizam qualquer prática corporal.

Em nossas primeiras aulas com cada uma das turmas, relembramos o que foi estudado nos anos anteriores, relatando também o que mais gostaram e as principais dificuldades⁶. A maioria das falas deu destaque a práticas corporais que trouxessem “melhoria” para o próprio corpo, ou seja, com exercícios individuais. Se interessavam por atividades aeróbicas, exercícios de força, de equilíbrio e de flexibilidade. Esses interesses sempre aparecem entre os estudantes mais velhos nas turmas da EJA, mas é preciso levar em conta que já havíamos estudado as ginásticas durante um ano, o que contemplou esse interesse e acreditávamos que era importante conhecermos outras práticas corporais na intenção de atender aos variados grupos que frequentam a instituição.

Prosseguindo com o mapeamento, nas aulas seguintes realizamos vivências seguidas de ressignificações a partir das falas apresentadas inicialmente. Nesse primeiro momento, as atividades se concentraram em exercícios de alongamento, equilíbrio e força. Pretendíamos com essas novas vivências, identificar a possibilidade de uma prática corporal a ser tematizada que se relacionasse com o patrimônio cultural da comunidade. Durante as aulas, observamos que as propostas que desafiavam os estudantes foram bem recebidas, principalmente as que testavam o equilíbrio. Diante dessa constatação, organizamos situações que abarcaram práticas corporais que empregam o equilíbrio como princípio, utilizando de diferentes aparelhos como o bozu, banco sueco, bola de pilates, almofada de equilíbrio e slackline⁷.

Na Educação Física cultural, não há a menor preocupação com a performance motora segundo padrões estabelecidos externamente. Diante das condições que diferenciam a ocorrência social da manifestação e a realidade da escola (tamanho da turma, disponibilidade de espaço, tempo, materiais etc.), o professor e a professora estimulam o grupo a vivenciar os esportes, lutas, brincadeiras, danças e ginásticas no formato conhecido para, se necessário, reelaborá-las com a intenção de facilitar a compreensão da plasticidade da cultura e do processo de transformação vivido por todas as práticas sociais. (NEIRA, 2018).

⁶ Em 2015 tematizamos as práticas ginásticas e em 2016 tematizamos no primeiro semestre o atletismo nos jogos olímpicos e paralímpicos e no segundo semestre o vôlei de idosos.

⁷ Slackline é um esporte que exige equilíbrio sobre uma fita elástica esticada entre dois pontos fixos, o que permite ao praticante andar e fazer manobras. Algumas variações de slackline incluem “waterline” (slackline sobre a água) e “highline” (slackline em grandes alturas, como por exemplo montanhas e pontes).

Dando continuidade ao trabalho, com a disponibilidade de materiais desconhecidos pela maioria dos estudantes, as vivências foram interessantíssimas. Pessoas com muitas dificuldades de mobilidade se arriscando nos aparelhos, os mais jovens interessados pelos desafios e as pessoas com deficiência necessitando de pouco apoio. Percebemos, então, que seria possível selecionar uma prática corporal que exigisse equilíbrio. Durante essas aulas, organizamos o revezamento entre os estudantes para que todos pudessem experimentar as sensações promovidas pelos diferentes aparelhos. Ao final da aula, perguntamos qual dos materiais tinham gostado mais e se havia diferenças entre eles, além de solicitarmos sugestões para próxima aula, com o objetivo de planejar as atividades de maneira democrática, abrangendo os interesses dos estudantes.

Nessas conversas, percebemos em todos os grupos que as avaliações sobre as práticas experimentadas eram positivas. Esses diálogos deram maior visibilidade aos conhecimentos dos estudantes, das possibilidades e desafios das situações de equilíbrio. Alguns relacionaram a prática do pilates, outros da ioga, mas percebemos que um aparelho havia interessado à maioria, o slackline. Quando perguntamos, nenhum estudante sabia o nome do objeto, mas já tinham visto em parques, praias e na televisão, inclusive citaram uma novela onde um dos personagens era instrutor de slackline.



Figura 1 – Mapeamento

Ainda no processo de definição da prática a ser tematizada, levamos em consideração as reuniões do PEA⁸, que estava tratando de uma questão crescente na EJA: o aumento da quantidade de jovens nessa modalidade de ensino. Os estudos realizados nos horários de formação coletiva revelaram o quanto esse público vinha sendo negligenciado nas aulas, quase sempre nos atentávamos mais às particularidades dos mais velhos e das pessoas com deficiência, deixando de lado os interesses dos mais jovens. É fato que nos módulos 1 e 2 a presença desses estudantes era pequena, porém eles também precisavam ser contemplados nas tematizações e, ao avaliar o percurso da Educação Física nos últimos anos, percebemos que

⁸ Projeto Especial de Ação – momentos de formação coletiva em que se estuda e discute possibilidades de ações e intervenções em determinados temas presentes na escola.

pouco tínhamos tematizado sobre as práticas corporais pertencentes ao universo cultural juvenil.

Diante do interesse pelo slackline e do reconhecimento da existência dessa prática na sociedade, da curiosidade despertada e também pela participação e envolvimento dos estudantes mais jovens, decidimos por tematizá-la nas aulas de Educação Física.

Elencamos como objetivos gerais do trabalho: conhecer, ressignificar, aprofundar e ampliar os saberes dos alunos a respeito da prática do slackline. E como objetivos específicos: experimentar e vivenciar o slackline; reconhecer as diferentes formas de praticar o slackline; e compreender como a prática corporal acontece na sociedade.

Iniciando os estudos sobre o slackline, enfrentamos a primeira dificuldade para a realização do trabalho, a existência de apenas um equipamento no CIEJA. Pensando em minimizar o problema e também com a intenção de ajudar os estudantes que possuem mobilidade reduzida, juntamente com o slackline disponibilizamos outros materiais que proporcionassem a sensação de desequilíbrio/equilíbrio de uma forma mais fácil, pois considerávamos importante que as pessoas se sentissem seguras para experimentar o aparelho. É importante ressaltar a presença de estudantes idosos, na faixa dos 80 anos, e isso requeria cuidado redobrado no tocante à segurança durante as atividades, pois uma queda poderia trazer graves consequências. Durante todo o trabalho, nos mostrávamos disponíveis para ajudar os estudantes em todos os momentos com o intuito de que se sentissem seguros o suficiente de modo a garantir as vivências. Como parte das estratégias para driblar as dificuldades pela existência de apenas um slackline, disponibilizamos dois “caibros”⁹ e uma corda esticada no chão de maneira a permitir a realização de atividades que transmitissem sensações aproximadas àquelas causadas pela tentativa de equilibrar-se no slackline. Essa primeira proposta nos ajudou a problematizar as diferenças de equilíbrio. Alguns estudantes diziam que andar sobre a trave ou sobre a corda ajudaria na melhoria do equilíbrio e, conseqüentemente, facilitaria andar no slackline, enquanto outros afirmavam o contrário, pois o fato de serem fixos não ajudaria em nada já que o slackline era “bambo”.

A participação dos estudantes com deficiência dessas primeiras vivências sem que fosse necessário qualquer adaptação precisa ser ressaltada. A flexibilização proporcionada com o uso de um apoio, muitas vezes, permitiu-lhes executar a proposta sozinhos e, ao nosso olhar, isso é importante para o reconhecimento de que podem e devem participar das aulas, realizando as mesmas práticas que os demais, conferindo-lhes a garantia dos seus direitos.

No dia da aula em que experimentamos as várias possibilidades de equilíbrio, o estudante usuário de cadeira de rodas foi ajudado pelos colegas da turma que o tiraram da cadeira e o colocaram em cima do slackline para que pudesse experimentar a sensação, mesmo sabendo que seria difícil repetir o procedimento muitas vezes ou em todas as aulas. Para solucionar essa questão, levamos os caibros adquiridos ao marceneiro e solicitamos que fizesse um corte em diagonal, transformando-os em rampas de acesso para as rodas da cadeira.

⁹ Madeira utilizada na construção civil, que foi comprada pela escola para a realização das atividades.



Figura 2 – Experimentando as sensações de desequilíbrio

Na aula seguinte, surgiu mais uma dificuldade. O dia estava chuvoso e, portanto, não conseguimos montar o slackline na rua em frente ao CIEJA onde acontecem a maioria das aulas de Educação Física. Retomamos a proposta da aula anterior, só que dessa vez dentro da sala, o que foi um pouco difícil por conta do espaço, porém era o único lugar que permitia as vivências. Na tentativa de proporcionar outras experiências, acrescentamos diferentes formas de se equilibrar sobre os materiais (de frente, de costas, na ponta dos pés, com o calcanhar), ora facilitando, ora dificultando a passagem, sempre considerando e reconhecendo as especificidades de todas as pessoas. Também perguntávamos se gostariam de algum apoio e, em caso positivo, auxiliávamos. Dessa forma, deixávamos que se sentissem à vontade para experimentar da forma que lhes fosse mais seguro. Nessa aula, uma estudante caiu e isso ocasionou a desistência de alguns colegas por medo e receio de se machucarem. Ao final do encontro, em nossas reflexões, apontamos que precisamos pensar em soluções para despertar o interesse e atenção dos estudantes e ficarmos mais atentas no quesito da segurança, pois isso poderia gerar um desinteresse pelo tema.

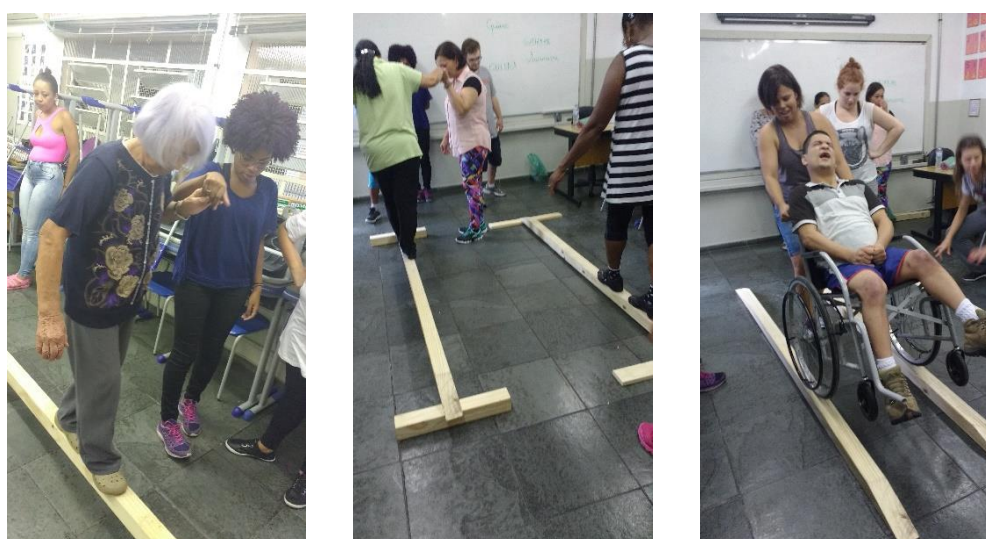


Figura 3 – Novas possibilidades de se equilibrar



Figura 4 – Novas possibilidades de se equilibrar

No encontro seguinte assistimos a alguns vídeos com imagens do slackline em diferentes situações: um tutorial onde a pessoa ensina como se anda no slackline, uma competição e uma apresentação¹⁰. O objetivo da atividade era realizar a leitura de como essa prática acontece no contexto social, na tentativa de ressignificar o que eles imaginavam sobre ela, ou seja, compreendessem que o slackline não é uma prática para melhoria do equilíbrio, pois tem um fim em si mesma.

Ressignificar implica atribuir novos significados a uma manifestação produzida em outro contexto com base na própria experiência cultural. Na perspectiva cultural da Educação Física, a ressignificação decorre daquelas atividades de ensino que posicionam os alunos e alunas como sujeitos históricos e produtores de cultura. (NEIRA, 2018).

No caso em tela, a ressignificação deu-se através do debate e das trocas de conhecimentos a partir da leitura dos vídeos. Antes, porém, fizemos uma caminhada em volta do quarteirão da escola - atividade muito solicitada pelos estudantes. Ao retomarmos as vivências no slackline, recapitulamos as informações dos vídeos, principalmente, as dicas. Durante essa aula, muitos estudantes orientaram os colegas com base nas recomendações acessadas: “Arruma o pé!”, “Dobra o joelho”, “Olha pra frente”. Foi interessante ver como eles haviam se apropriado das informações. Alguns também se animaram a tentar a travessia sem o uso do apoio.

Em contrapartida, os estudantes com deficiência não conseguiram se concentrar durante a apresentação dos vídeos e tivemos dificuldade para propor alternativas que solucionassem o problema. Para tentar minimizar o obstáculo, imaginamos que enquanto os demais estudantes caminhassem no entorno da escola, poderíamos retomar os procedimentos exemplificados nos vídeos no próprio slackline com a intenção de ajudá-los. Contudo, todos eles quiseram ir à caminhada junto com o restante da turma, se recusando a fazer uma atividade à parte. Essa atitude acabou promovendo uma autocrítica sobre o modo como estávamos conduzindo o trabalho.

Por pertencerem ao grupo, eles também queriam junto com os colegas. Isso nos mostra o quanto esses estudantes se sentem parte da turma e querem participar das aulas da mesma forma que os demais. Avaliamos positivamente o fato, o que mostra que mesmo com uma

¹⁰ O vídeo utilizado está disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Oc__gYAxIRI

atitude que pensávamos ser benéfica, qual seja, receber separadamente as informações que tiveram dificuldade de internalizar, para eles, o mais importante era permanecer com o seu agrupamento. A partir daí, seguimos todos para a caminhada. Em uma das turmas, a empolgação durante as vivências no slackline foi tamanha que ao final da aula não quiseram voltar para a sala, solicitaram um tempo maior para as vivências e foram atendidos.

É importante salientar que, na perspectiva cultural da Educação Física, a avaliação objetiva a retomada do processo para socialização, discussão em sala de aula e redirecionamento da ação educativa. As anotações das observações e reflexões sobre o que acontece nas aulas, principalmente as falas e posturas dos estudantes, possibilitam a reunião das informações necessárias para avaliar o trabalho pedagógico. A avaliação no currículo cultural, para além da observação, apoia-se nos registros elaborados pelo docente ou discentes. Logo, a avaliação acontece o tempo todo, mesmo durante as atividades de ensino.

Alguns estudantes passaram a comentar que haviam observado a presença do slackline em parques e praias, e um estudante que trabalha na região da Avenida Paulista afirmou que aos domingos a prática acontece, mas de uma forma um pouco diferente daquelas que assistimos. A fita era fixada a uma altura elevada e os praticantes permaneciam “amarrados à fita” com um material de segurança. Foi interessante perceber que eles já identificavam os locais e as diferentes formas de praticar o slackline. Alguns começaram a perguntar os valores dos equipamentos, onde poderiam ser adquiridos e um estudante demonstrou interesse em comprar um para levar quando fosse à praia, pois afirmava que com areia embaixo se sentiria mais seguro nas experimentações.

Em algumas turmas o interesse pelo slackline foi aumentando e, de vez em quando, os estudantes solicitavam uma ida ao parque para vivenciarmos num espaço onde o solo fosse mais seguro, pois uma queda no asfalto aumentava o risco de lesões.



Figura 5 – Vivenciando o slackline

Experimentamos outros modos de praticar o slackline para além da travessia. Queríamos arriscar manobras e saltos conhecidos como *truckline*, modalidade vista nos vídeos, mas nos faltou coragem e um espaço mais seguro. Alguns estudantes sugeriram que colocássemos colchões embaixo, mas não possuíamos esses materiais na escola. Também contribuiu para a dificuldade de vivenciar o *truckline* o tipo de fita de que dispúnhamos. Durante as pesquisas realizadas como atividades de aprofundamento e ampliação (NEIRA, 2018), detectamos tipos distintos de fitas e a nossa não era adequada para saltos e manobras. Assim, tentamos apenas permanecer parados, sentados ou equilibrando-se em uma perna só. Isso permitiu aprofundar os conhecimentos das técnicas empregadas no slackline, saber que o esporte não é apenas atravessar a fita, mas também a possibilidade de realizar saltos e manobras.

Enquanto procedimento didático característico da Educação Física cultural, o aprofundamento pretende dar a conhecer melhor a prática corporal, identificando e analisando suas inúmeras peculiaridades e os fatores que influenciaram na constituição do seu atual formato, ou seja, saberes que não emergiram nas primeiras leituras. Enquanto isso, as atividades de ampliação implicam recorrer a outros discursos e fontes de informação, preferivelmente àqueles que oferecem olhares distintos dos que foram disponibilizados até então.

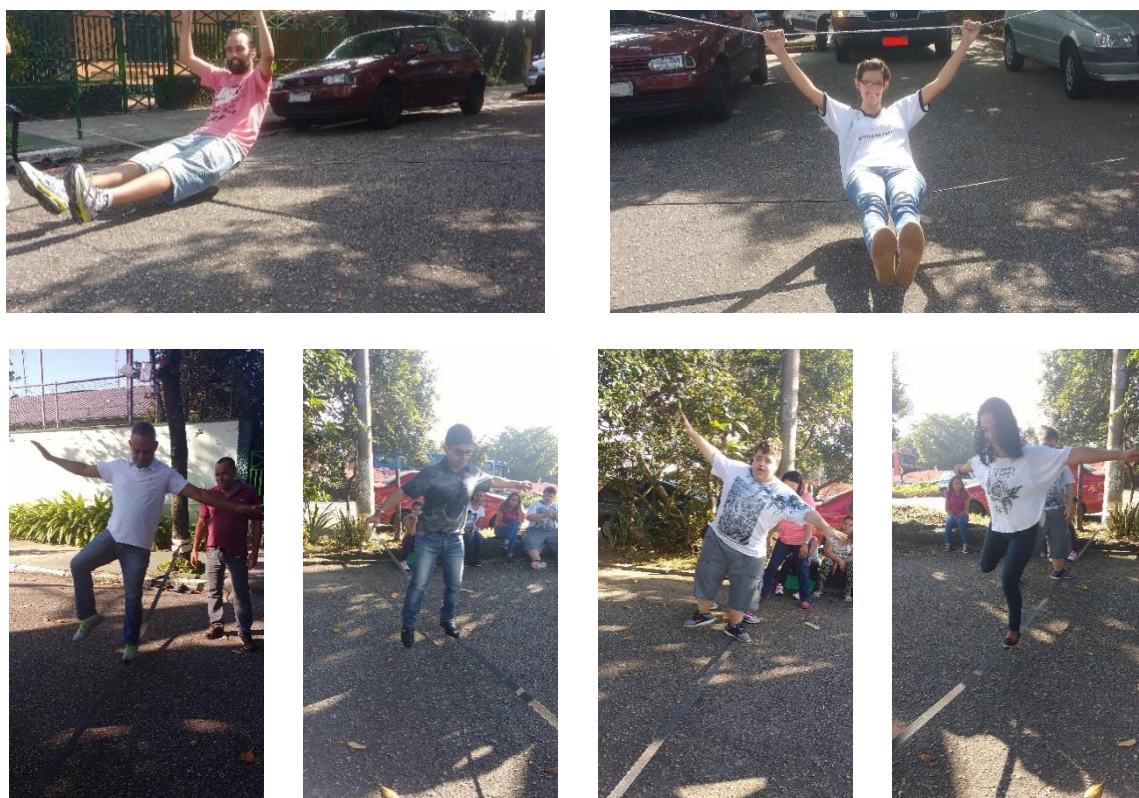


Figura 6 – Experimentando outras formas de praticar o slackline

Com o decorrer das aulas, mais estudantes traziam informações sobre o tema, na maioria das vezes obtidas nos programas televisivos, pois naquela época do ano uma emissora estava exibindo uma série chamada Circuito Radical¹¹ com reportagens que contemplaram essa modalidade e suas variações, como o *waterline* (versão onde a fita é esticada sobre um rio, mar ou lago e são feitas os saltos e manobras).

¹¹ Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=quPED0qaD28>

Com o passar das aulas, observamos que já não estávamos conseguindo proporcionar atividades que contribuíssem para a ampliação e o aprofundamento dos conhecimentos sobre o slackline pois as limitações espaciais e de materiais impediam os estudantes de se arriscarem mais para, a partir daí, provocarmos novas problematizações. Em função disso, organizamos uma ida ao parque para realizar uma vivência em condições semelhantes àquelas narradas por alguns dos participantes.

Infelizmente, o dia agendado amanheceu chuvoso, impossibilitando a saída. Acabamos realizando as vivências dentro da sala e encerrando o trabalho com uma conversa sobre o que havíamos estudado. Lançamos aos grupos as seguintes questões: Como foi estudar o slackline nas aulas de Educação Física? Já conheciam essa prática corporal antes das aulas? Em caso positivo, onde viram? O que sentiram ao experimentar o slackline? O que aprenderam durante as aulas? Quem pode praticar o slackline?

Na avaliação dos estudantes o trabalho foi bem positivo, surgiram respostas entusiasmadas diante da oportunidade de vivenciar uma prática corporal nova. Em algumas falas percebemos um certo grau de satisfação por terem experimentado algo diferente. “Já tinha visto no parque, mas nunca pensei que teria a oportunidade de fazer, foi muito bom!”. A maioria dos estudantes conheceu o slackline na escola. Apenas uma jovem tivera contato com a prática. O nome slackline ainda se apresenta como algo difícil, muitas vezes, perguntam como se chama. Percebemos que a prática não foi representada como específica dos jovens, tampouco ninguém disse que os idosos não poderiam participar. Fizemos a leitura que o exercício e a experiência fariam com que as pessoas conseguissem realizar a travessia sem qualquer ajuda. Isso não significa que todos os estudantes experimentaram o slackline. Dona Mitiko¹², uma senhora de 85 anos, não se sentia segura em subir na fita mesmo com o nosso apoio e incentivo. Durante todo o trabalho, ela participou das atividades nas traves de equilíbrio e na assistência aos filmes. Além do seu receio em se machucar, havia uma certa dificuldade na comunicação, pois mesmo morando no Brasil há muitos anos, em sua casa ela só fala japonês. O que a levou à escola foi justamente o interesse de aprender o português.

A respeito das sensações oriundas das vivências no slackline, foi interessante perceber como geraram diferentes impressões. Algumas pessoas afirmaram que se sentiram desafiadas a vencer seus medos e suas inseguranças, outras afirmaram que ao ver determinado colega realizando a travessia se sentiram instigadas a realizá-la, outras não gostaram da sensação da perna “tremendo” e houve quem dissesse que o medo e a insegurança fizeram desistir da travessia. Apesar das diferentes sensações, muitos estudantes que não quiseram se arriscar colaboraram com o trabalho de outras formas, ajudando os colegas. Nesses momentos percebemos o quanto os estudantes com deficiência colaboraram com os grupos. Em diversas ocasiões, ajudaram os colegas sem deficiência. Novamente constatamos o quanto eles estão se sentindo incluídos de fato nas aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo slackline ser uma modalidade que gera a vertigem, sensação de desequilíbrio e medo de cair, precisávamos garantir essas sensações para os estudantes usuários de cadeira de rodas. E como fazer isso? A estratégia de usar as madeiras como traves de equilíbrio onde

¹² O nome foi alterado para preservar a identidade da estudante.

subíamos as cadeiras ou simplesmente alguns alunos caminharam sobre elas, trouxe o resultado esperado. Em muitas aulas notamos nas faces desses estudantes as mesmas sensações descritas pelos demais. Sorrisos, temores, olhos fechados, enfim, percebemos o quanto estavam experimentando novas sensações advindas da prática corporal.



Figura 7 – As sensações oriundas da vivência

Finalizado o trabalho, avaliamos que a ênfase recaiu nas vivências do slackline. Acreditávamos que a partir dessas experimentações surgiriam possibilidades de problematização e, com isso, poderíamos aprofundar, ampliar e ressignificar a prática corporal, mas não conseguimos alcançar esse intento. Exceção feita às atividades de leitura da ocorrência social da prática corporal. Também constatamos que a falta de um conhecimento sobre a modalidade – ao que tudo indica, os estudantes não possuíam representações sobre o slackline e sobre os seus praticantes –, o que prejudicou as atividades de problematização e ressignificação, mas, em contrapartida, essas poucas representações colaboraram na construção das práticas inclusivas.

Consideramos como ponto positivo a oportunidade desses estudantes vivenciarem uma prática corporal para muitos desconhecida. Idosos, adultos e jovens com ou sem deficiências puderam saber um pouco mais sobre o esporte, sem qualquer tipo de segregação ou classificação. Apesar dos poucos momentos de ampliação e aprofundamento dos conhecimentos, avaliamos que passaram a entender a prática corporal não como uma atividade para a melhoria do equilíbrio, mas como uma manifestação onde os participantes a realizam pelo prazer proporcionado, pelos desafios gerados, sem um caráter instrumental. O trabalho proporcionou diferentes experiências para cada estudante. Apesar das dificuldades enfrentadas ao longo do percurso, as falas dos estudantes durante as atividades e avaliação final nos fizeram ver que a Educação Física no CIEJA Aluna Jessica Nunes Herculano vem se configurando como um espaço de garantia de participação de todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

MARTINS, Jacqueline Cristina Jesus. *Educação Física, currículo cultural e Educação de Jovens e Adultos* novas possibilidades. 2018. 133 f. Relatório de Pesquisa. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. São Paulo, 2018.

NEIRA, Marcos Garcia. *Educação Física cultural*. São Paulo: Blucher, 2016.

NEIRA, Marcos Garcia. *Educação Física cultural: inspiração e prática pedagógica*. Jundiaí: Paco, 2018.

SANTOS, Ivan Luis. *A tematização e a problematização no currículo cultural da Educação Física*. 2016. 246 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. São Paulo, 2016.